

Intervenção

Sessão de Abertura do Seminário

“Ameaças Assimétricas e Planeamento Estratégico”

Reitoria da NOVA, 12 de dezembro de 2017

Senhor Ministro da Ciência, Tecnologia, Ensino
Superior,

Excelência,

Magnífico Reitor da Universidade NOVA de Lisboa,

Excelentíssima Senhora Secretária-Geral do Sistema de
Informações da República Portuguesa,

Excelentíssimo Senhor Diretor da NOVA IMS,

Excelentíssimas autoridades civis e militares,

Caros Convidados,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

O seminário internacional que hoje realizamos, subordinado ao tema “Ameaças Assimétricas e Planeamento Estratégico”, procura promover a reflexão sobre o atual ambiente estratégico internacional, centrando-se na diferenciação da natureza e capacidades dos agentes promotores de ameaças, bem como na complexidade das respostas exigidas.

A atual tipologia de conflitos é marcada pela assimetria. Isto é, os conflitos dominantes no pós-Guerra Fria são conflitos assimétricos. Note-se que durante o período da confrontação bipolar, apenas 18% dos conflitos armados terão sido de tipo não-convencional.

Desde o desmembramento da URSS, em 1991, até hoje esta tendência acentuou-se, com vários textos de referência a sinalizarem apenas 10 conflitos armados convencionais nos últimos 15 anos.

E mesmo nesses raros exemplos, como a invasão norte-americana e aliada do Iraque em 2003, existiram dimensões híbridas que se tornaram evidentes com o prolongamento da insurreição armada.

Assim, de um quadro estratégico centrado em ameaças predominantemente militares, que se materializavam num inimigo, passámos para um contexto mais complexo e indefinido, em que as ameaças e riscos assumem uma natureza mais difusa, imprevisível, polimorfa, desterritorializada e não menos perigosa.

Tal como Marwan Bishara, em 2001, caracterizou: o século XXI é a ‘Era dos Conflitos Assimétricos’.

A assimetria assenta no desafio do ‘fraco’ ao ‘forte’. Ou seja, as ações assimétricas fogem àquilo em que o inimigo é forte – os grandes equipamentos militares – e visam diretamente as pessoas, procurando influenciar os seus raciocínios e consciências.

Esta assimetria tem-se evidenciado em muitos sentidos. Quer quanto aos objetivos, quer quanto aos meios e métodos utilizados, como se tem verificado nos múltiplos conflitos que ao longo da última década marcam o ambiente de segurança internacional.

É todavia no terrorismo transnacional, e na sua articulação com estratégias insurrecionais e com ações de redes de criminalidade organizada, que esta lógica assimétrica se tem tornado mais evidente e perigosa.

As ameaças transacionais, em particular o terrorismo e o crime organizado, pela sua imprevisibilidade e assimetria, bem como pelos elevados níveis de destruição que podem provocar e pelas dificuldades de prevenção, dissuasão e combate que colocam, têm atualmente um carácter diferenciado no plano da segurança.

De facto, a capacidade de resposta a estas ameaças passa por uma política de cooperação multissetorial por parte dos Estados e das principais organizações de segurança e defesa coletiva, capaz de combater eficazmente as causas profundas da conflitualidade.

Falamos do subdesenvolvimento, da ausência do Estado de Direito, de mecanismos de boa governação, que são os contextos em que germinam e se desenvolvem muitas lógicas terroristas.

Isto exige estratégias integradas, que combinem ações diplomáticas, económicas, sociais, de controlo financeiro, legislativas, de informação pública, policiais e militares, entre outras.

Sabemos que nenhum país está imune a esta ameaça global. A prevenção e combate exigem uma cooperação internacional reforçada, serviços de informações eficazes – essenciais para prevenir atentados terroristas – e o emprego de estratégias de resposta integradas, quer pelos Estados quer pelas organizações internacionais.

Do que ficou dito resulta clara a complexidade de prevenção e resposta a ameaças assimétricas, dada a sua natureza imprevisível e difícil de detetar.

Por esta razão, o planeamento é absolutamente decisivo, permitindo um acompanhamento sistemático em apoio ao processo de decisão e proporcionando uma plataforma de comunicação eficaz na prevenção e resposta a estas ameaças.

Esta prevenção e resposta não pode deixar de incluir todos os espaços abertos pelo desenvolvimento científico e tecnológico, designadamente o ciberespaço e o espaço mediático, para além de uma perfeita integração das capacidades civis e militares e de estruturas de planeamento, comando e direção sediadas ao mais alto nível da responsabilidade política.

Minhas senhoras e meus senhores,

Se é impossível garantir a completa vitória em conflitos assimétricos, importa salientar que ela não será possível sem adaptações significativas na forma de pensar e agir no campo da segurança e defesa. É por isso que eventos como este são particularmente relevantes.

Esta iniciativa constitui-se como mais um resultado da frutuosa parceria entre o SIRP, a Universidade Nova de Lisboa e o IDN, concretizada, designadamente, através de cursos de formação e pós-graduação, que consideramos muito têm contribuído para a divulgação de uma cultura democrática das informações junto dos públicos interessados.

Uma das faces mais visíveis desta parceria é a Pós-Graduação em “Gestão de Informações e Segurança”, que se encontra atualmente na sua quarta edição.

Esta pós-graduação reúne, anualmente, um prestigiado corpo docente e um grupo discente bastante qualificado e informado, escolhido criteriosamente entre dezenas de candidatos.

São eles, atuais e futuros alunos, a par dos docentes, que estarão na linha da frente da disseminação de uma cultura de informações junto da sociedade civil.

Cabe a todos nós, diariamente, dar seguimento a este trabalho.

Muito obrigado pela vossa atenção.